



Um aspecto da parede dos alunos do Lyceu Passos Manoel

(Cliché Benoit).

N.º 258 Lisboa, 30 de Janeiro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4\$800—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRACA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão RUA DO SECCULO, 13

A mulher de sociedade ou a artista



completa a sua belleza idealisando-a com o uso do **Creme Silene**. É o producto de mais confiança, pois não tendo gorduras não faz brilhar o cabelo. Dá a pelle um suave encanto tornando-a d'um encantador tom nacarado. Preço 4\$300; pelo correio 4\$400. **Creme Silene**—contra as manchas da pelle!—Este delicioso preparado e effizaz no afrouzamento da pelle, fazendo desaparecer toda o qualquer mancha. Preço 4\$300; pelo correio 4\$400. **Koyal Extripado**—o melhor depilatorio! O unico reconhecido até hoje como decisivo extermindador dos superfluos cabellos que desfeiam o rosto da mulher! Não irrita nem queima a elle. Preço 4\$3 90; pelo correio 4\$400. **Creme Silene** — de pepinos perfumados!—excelente para amaciar a pelle! Cada biscoito 300 rs. pelo correio 320.

Rouge Liquido Silens—Preparado em bases vegetaes este delizioso preparado, dá uma deliciosa cor de nacar, á cutis da mulher, delificando ao mesmo tempo toda a aspereza da pelle. Torna os labios, verdadeiros botões de rosa livrando-os do importuno cicio que os corroe e estraga. Preço 300 réis. Correo 330.

Pot-Pourri Silene—de santalinas perfumadas— Este delizioso producto substitue, com vantagem o uso do sabonete, nas passoes de cutis delicada—Preço 4\$300; Correo 4\$400.
A venda na Perfumaria Balsemado—Rua Conceição, 44.
DEPOSITO GERAL—Rua Conceição, 46, 2.º. Telephone 2777

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa



MADAME

Brouillard

O passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physilogia e pelas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43. RUA DO GARNO, 43 (sobre-loja)—LISBOA.

Consultas a 4\$300 rs., 2\$700 e 5\$800 rs.

Eu curo a QUEBRADURA

Sem ulterior uso de funda

Quem fór quebrado, ou souber d'alguem que o seja, deve interessar-se pelo meu methodo de cura. O meu plano differe de todos os outros, por isso que não só contém toda a especie de quebraduras de uma forma continua e segura e com p-rfeta commodidade, mas faz formar-se um novo tecido na abertura da quebradura, unindo a rupturaz e produzindo uma cura absolutamente perfeita e permanente. Nenhum outro methodo dá este resultado.



Tenho publicado varias vezes que posso curar a quebradura, ainda mesmo depois de dias op trações não terem dado resultado. Os meus doentes curados tem soffrido experiencias e reconhecimentos medicos dos males innocuos, tendo sido averiguada e certífic da a cura. Nenhum quebrado é muito novo ou muito velho, para se sujeitar ao meu methodo. Nenhuma quebradura é tão má que se não possa curar.

Entre os milhares de pessoas que se tem curado, contam-se o sr. Polycarpo Garcia Morales, Arenal, 26, sobreloja, Madrid, dupla quebradura; sr. Felim Curia, S. Pedro de la Traversera, Barcelona, de quebradura escrotal irreductivel de 19 annos de duração; e o sr. Bernabé Felto, Calle Baja, Caspe, provincia de Zaragoza, que foi curado com a idade de 29 annos e o sr. diz: «Estou completamente curado e já não uso funda. Dou-lhe os meus agradecimentos pelo grande cuidado que tem pelos seus doentes.»

Escrevam-me, sem perda de tempo, pedindo-me completas informações acerca do meu methodo e enviarei uma amostra gratuita do meu tratamento, franca de porte. Escrevam-me em seguida, antes que a sua quebradura chegue a estar estrangulada e que uma operação seja o unico meio— não certo— de salvar a vida.
Dr. Wm. S. RICE (S. 203) 89 STONECUTTER STREET, LONDRES, E. C., INGLATERRA

Para encadernar a

Illustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da «Illustração Portuguesa». Preço 360 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Enviaem-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remettida em vale do correio ou sellos em cartá registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontespicios respectivos.

Administração do Seculo—LISBOA.

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO GOTA NEURALGIAS

D^o BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.

Os agencias em Portugal
REEMBOLSAM O DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado

na BRONCHITE TOSSE, ASTHMA TISIS PULMONAR

empregando o
XAROPE FAMEL

PARIS
88, Rue de la Réaumur
PREÇO: 4 800 REIS
Trabalha de portos em todos os Portugal para 2 France.

DEPOSITO GERAL
15. RUA DOS SAPATEIROS
LISBOA

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

rianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoendo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de lórrna. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes. *Escripatorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276 PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Encomenda telegaphica em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**
Numero telephonico: **Lisboa, 605 — Porto, 111**

CAPITAL	
Ações	360.000\$000
Obigações	323.910\$000
Fundus de reserva de amortização ...	266.400\$000
Réis	950.710\$000

A MANIFESTAÇÃO DO POVO DE LISBOA AO GOVERNO DA REPUBLICA



O sr. ministro da guerra, aclamado pelo povo,
passa revista aos batalhões voluntários reunidos no Terreiro
do Paço

A republica apelou para o civismo do povo e logo em todas as freguezias de Lisboa, Porto, Coimbra e por todo o paiz surgiram os batalhões voluntarios que recebem instrucção militar nos quartéis mais proximos dos seus bairros e constituem a guarda vigilante dos cidadãos ás instituições. Deante do movimento grévista que ultimamente se alastrara e estava causando enormes prejuizos, os voluntarios de Lisboa deliberaram fazer uma grandiosa e ordeira manifestação ao governo reunindo-se no domingo



Os batalhões voluntarios formados
no Terreiro do Paço



O sr. Machado dos Santos e Luz

15 de janeiro, na rotunda da Avenida e partindo d'ali de baixo de fôrma para o Terreiro do Paço a saudarem os membros do ministerio.

d'Almeida ◊ ◊ no meio do seu grupo

Uns com os seus uniformes simples, outros com os trajos de paizanos, mas ostentando nos braços os signaes dos respectivos batalhões, se-



A fila composta por alguns revolucionarios e que precedia os batalhões



Um aspecto geral da marcha dos numerosos batalhões de voluntarios



1—No Terreiro do Paço: o povo confido para assistir ao desfile dos batalhões, vendo-se no segundo plano o sr. Machado de Sá nos

guiam numa marcha cadenciada; bandas de musica tocavam a *Portuguesa* e aquellas sessenta mil pessoas, levadas pelo mesmo entusiasmo, seguiam atraz d'um grande cordão de revolu-



2—A banda que acompanhou os voluntarios
3—No Terreiro do Paço: afastando o povo para a passagem dos voluntarios

cionarios conhecidos que afastava o povo, a deixar a passagem livre aos voluntarios.

Os batalhões enfileiraram-se no Terreiro do Paço e o ministro da guerra ouviu da bocca dos che-





nal á consolida-
 ção da republi-
 ca e o protesto de to-
 dos el'es contra as gré-
 ves que tanto mal causa-
 vam á vida do paiz. Co-
 meçou dentro em pouco a
 desfilada dos voluntarios
 por deante do sr. cor-
 nel Barreto que os sau-
 dava emquanto de todos
 os labios sahiam os mes-
 mos gritos d'enthusiasti-
 ca aclamação ao novo
 regimen.



1—Aguardando os batalhões no Terreiro do Paço
 2—No Rocio: alguns revolucionarios contendo o povo antes do destile dos voluntarios 3—Abrindo a passagem aos voluntarios em frente da estação do Rocio 4—Aguardando a passagem dos batalhões

fes d'esses batalhões o seu apoio incondicio-

OS ROSARIOS SERRANOS



No dia de Todos os Santos e nas madrugadas de epiphania os sinos da Serra falam entre elles. E' uma palestra suave que vae de valle a valle, de

se á poça da fonte. Depois com a vacca presa pelos carrapitos, lá abala para o boi, entre o assobiar dos melros e os incensos dos giestaes floridos.

povoado a povoado e que surprehede docemente o somno quente do serrano.

A mul'her vae á missa amotinando do ruido das chancas os rafeiros fechados nos estabulos. O sol n'uma ternura clara, nado ha instantes, fala da flôr azul do linho, dos rubis das ce-rejeiras, e das gabelas do trigo candelal. No adro ha ranchos de rapazes, a'egres como vitellos. Lá dentro, na capel'a-mór, longinqua e alta para não cortar o vôo das rezas, a opa vermelha do sacristão farta-se de escarvelhar, por fim lá aparece a casula sacerdot'al n'um deslumbramento de neve e oiro. Todos se prosttram, os santos affectam o ar de quem escuta e, ciciando, a camponeza passa o roزاریo, exhumado da a'gibeira de entre as chaves, moedas de vintem e migalhas da borôa.

As aldeias communicam assim umas com as outras no ar lavado e a alma camponeza penetrou desenfatiadamente a sua legenda elemental.

Lá do tope, no campanario alto, normando, os sinos dos Alhaes lançam a voz seca nos espaços:

—Esticou uma velha— *dam-del dam-del.*

Os outros respondem: Peva— *Que deixou ir-mão? don dão, don dão.*

Alhaes— *Uma gaita velha— dam-del, dam-del.*

Segões— *Sem cantochão— digue, d'gue, digue don.*

Son'osa— *Uma rabeça a mim d'endim, d'endim.*

Ariz— *Não tem bordão, tim-tatão, ão-tão.*

Perave'ha— *Leva Barzabim, digue dim, digue dim.*

Lamoza— *P'ro caldeirão, glão-glão, glão.*

Os sinos da redondeza— *Sim, não, sim, não, d'lin-dão, d'lin, dão.*

Rebolando nas mantas, o aldeão diz para a mul'her:

—Este padre Antonio é que madrugava. Não tem medo dos lobos.

Ella, desatarraxando com os nós dos dedos as meninas dos olhos marinhentas, replica, aludindo á orça do abbade:

—Tem boas pernas.
—Tem, mas fôsse elle timorato...?

Mais duas espreguicadellas na enxerga e ella diz:

—Leva-te lá, homem, tens de ir com a vacca ao boi e depois do sahir dos gados adregas não topas o Manuel d'Oiteiro.

O homem enfia as calças, mete uma co-dea na algibeira da vestia e vae lavar-



O roزاریo d'uma serrana é um muzeu adoravel d'arte christã. N'el'le ha todas as tonalidades, do branco yalino ao vermelho apopleptico. Os padre-nossos são pequeninos capitães entre as aves, onde o azeviche apparece com o lapislazuli dos corregos e os grãos da herva santa-maria com o ôsso desprezível furado á sovela. As contas são pretas, cinzentas, roxas, azues, bocadinhos de vidro e bocadinhos de seixo, que parecem mesmo os seratiins de Fra Angelico em turma humilde e ordenada entre os mortaes. A's vezes com divisa de padre-nosso anda na cambalheira um queixal que cahiu, puído e reluzente de comer pão e de devorar preces. E á espiritualidade do objecto sagrado vem assim ajuntar-se a unção íntima do relicario.

Mas que os rosa-



do do inferno, S. Benedicto extactico amparado do anjo, S. Pedro ao pé do galo que coquericou tres vezes—sua infidelidade. Toda a legenda doirada de Bolonius, Santo Antonio ethereo, Santo Ave-lino advogado nas dôres de dentes, S. José embevecido deante do garotinho, pápas de baculo inominados, peccadores convertidos por Taumatargos, a flôr dos santos cantada no cobre, perfeita e ampla ás ve-



cutar. Não obstante o poder estranho que lhes atribuíam de muitos se desfizeram, favorecido o seu excesso de sentimento para commigo da areia de scepticismo a desconfiança muito humana e simples pelo sobrenatural que ha no fundo da alma portugueza.

Isto me faz crêr que o povo portuguez nem é crendeiro nem intima-

zes, ingenua e primitiva outras n'um desageitado cheio de emoção.

A gente dos campos tem estas veronicas em grande estimação; com algumas roçam a teta tumida da vacca e a galante põe-se logo a esguichar leite, o seio das mulheres depois do parto e o seio pôde amamentar impunemente. Outras livram de quebrantos e de flatos e aquellas onde ha fórmias vagas de esconjuro teem grande prestimo na espinhela cahida e males ruins. Quem comsigo trouxer a cabeça de S. Benedicto não ha vibora que lhe morda nem morre sem extrema-unção.

Atribuem-lhes, pois, poderes magicos, um espirito bemfazejo que deve ser muito anterior aos primeiros apóstolos que desembarcaram na Península.

Esta confiança nos amuletos não tem o fundo supersticioso dos povos primitivos, selvagens. Guardam-nos em virtude d'uma crença simples, familiar, que deve vir da boa alma activa dos celtas, mas sem fanatismo. Por elles pude verificar que o crepusculo das legendas chegou já tambem á aldeia portugueza. De passagem na Serra manifestei o desejo de adquirir algumas medalhas. Isto depressa se propagou devido á velocidade que atinge o *de bocca em bocca* na aldeia. De duas povoações me vieram então com os rozários para eu escolher e



mente religioso, a sua superstição foi absorvida nas realidades exaustivas da vida rural, e a religião tornou-se indifferente continuando-se pela sua adhesão machinal aos costumes. O serrano é religioso ainda, por necessidade de espiritalidade, mas sem uma razão logica de seu espirito, nem um factor immanente da sua evolução.

Póde-se ser eligioso n'um paiz onde o céo é tão claro, natureza tão evidente e as coisas tão penetraveis? A religião é a explicação éoterica do inexplicavel, a forma mais adequada da visão subjectiva dos mysterios da natureza. Em Portugal os mysterios do meio são simples; vê-se a montanha inteira, o fundo dos rios, não ha florestas com meandros, e o cincelo e o nevoeiro teem pouca renda, exercem pouco poder de fabula na imaginação. N'um ambiente tão claro as religiões teem de ser claras e a claridade n'ellas é a morte. Por isso eu accetto o juizo que corre, que em Portugal, afóra a especulação intellectual d'uma meia duzia e o mister necessario d'outra meia, não ha religiões

Paris, inverno de 1911.

AQUILINO RIBEIRO



AS NOSSAS ATRIZES

Pilar Monteiro

Quem não conhece Pilar Monteiro?

Quem haverá, que frequentando o theatro não tenha visto pelo menos uma vez, a figura esbelta e elegante, cheia de distincção d'essa actriz e perfeita artista?!

Pilar Monteiro, conhecidissima lá fóra, por esse estrangeiro, que tão bem sabe consagrar um artista de verdadeiro merito, e que tão bem acolhida por elle sempre tem sido, não poderia deixar de se nos impôr, tanto pelos seus esmerados dotes artisticos como da sua graça, intelligencia e distincção!!

Estivemos no outro dia assistindo á conferencia feita por João Phoca

e na qual Pilar cantava cançonetas francezas, e não podemos eximir-nos á profunda admiração e enthusiasmo que nos causou a graça e *entrain* plenamente francezas com que ella nos cantou diversas cançonetas francezas, essas cançonetas tão cheias de espiritos e que tão bem caracterizam o espirito francez.

—Mas é uma verdadeira parisiense; dissemos nós!!

Que outra, senão ella, seria capaz de nos dizer tão bem os couplets da *Comme une cigarette*, do *Mon petit manequin*, e os soberbos versos do *Travain*?!

Como ella mostrou bem ser exim'a em todos os

generos de cançoneta.

A maneira fina e elegante, cheia de sentimento, como Pilar Monteiro nos cantou aquella valsa? *Tu ne saurás jamais* e a maneira profundamente *apache* como ella nos fez ouvir aquella valsa *montmartroise* que tanto tem deliado o publico francez, *La valse brune*, mostram bem claramente os dotes da interessante diva!

Fomos uma noite d'estas ao Avenida vêr a operetta *Amores de Principe*; no fim do 2.º acto, depois de Pilar nos ter dado uma bella e perfeitamente a caracter *Madame Chifon*, dirigimos ao palco com tenção de recrearmos o espirito com a intelligente e fina con-

Pilar Monteiro, na *Mademoiselle Chifon* do «Amores de Principe» em scena no theatro Avenida (Gliche Vasques)



versação de Pilar. Entramos no pouco espaçoso camarim onde fomos acolhidos com o mais agradável e animador dos sorrisos! Falamos, falamos muito e em diversos assumptos e tendo-lhe manifestado o nosso espanto pelo seu *tic* e pronuncia verdadeiramente francezes, disse-nos com o seu encantador sorriso:

— Não se deve de admirar, visto que tenho vivido quasi sempre na França, fui lá educada, a França é para mim uma segunda patria!

— E agora tenciona demorar-se por cá? perguntámos.

— Tenciono; irei ao Brazil com a companhia do Avenida, mas voltarei para Lisboa onde o publico me tem tão bem acolhido!

— No que lhe não faz favor nenhum, visto os seus dotes artisticos e...

— Não seja lisongeiro.

— E' modesta e não lh'o levo a mal, antes é um dote a accrescentar a tantos outros! E em Paris, em que theatros representou?

— Oh, em muitos! Entre outros no Olympia, Jardim de Paris Casino, Apollo etc

— E em que genero, revista?

— Em todos os generos, revistas sobre tudo onde fiz papeis de *commère*, como na revista *A la diable* e muitas outras.

— Não era v ex.ª quem ha 2

annos no Apollo cantava cançonetas portuguezas?

— Era eu, era, no Apollo cantei em portuguez e tambem diversas canções hespanholas!!

— Mas não tem estado sómente na França, esteve tambem em Berlim, não é verdade?

— E' mas não foi só em Berlim, estive tambem em Hamburgo, Vienna, etc, emfim tenho corrido quasi todas as cidades da Europa.

— E nas Americas?

— Estive em Buenos Ayres, onde fiz *Les Filles de Boheme*, a celebre pantomima de que naturalmente ouv u falar!?

— Certamente, e lembro-me de tambem ter lido na *Comedia* se bem me recordo, um grande artigo a seu respeito, e no qual se via bem como o publico sabia apreciar devidamente os seus meritos theatraes! E do Brazil, tem boas impressões?

— As melhores, trabalhei no Rio de Janeiro, Pará, S. Paulo e...

— E em todas essas cidades o publico a poude aplaudir com entusiasmo, não é verdade?

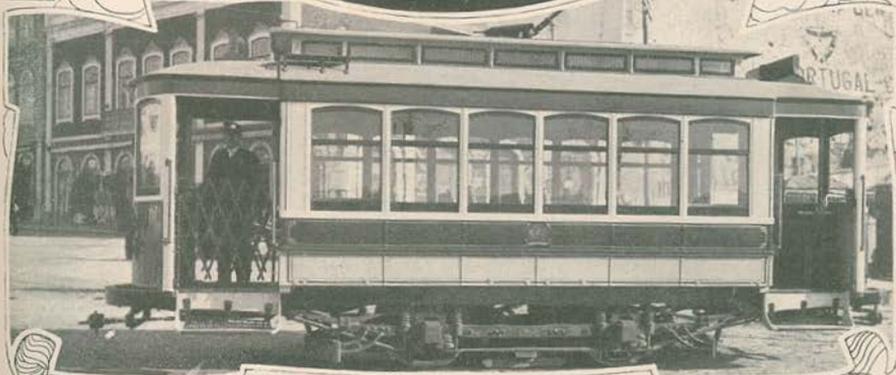
Despedimo-nos. Chegando á rua accendi um cigarro, fazia um frio de rachar... Eletricos, pois a respeito de passar algum... não passava, e emquanto eu estava a *celebrer le jubilé de la S!* *Attente*, parecia-me vêr no estrellado céu uma *mince nuage* que a pouco e pouco tomava forma de mulher, uma mulher loira, esbelta, elegante, ao mesmo tempo que sentia vindo do alto, uns sons de suaves, muito suaves, que se precisavam e uma voz que era a d'ella, a de Pilar Monteiro, a mais elegante das nossas actrizes e que cantava o *Tu ne sauras jamais*; e eu tão embevecido estava que por fim creio que passavam electricos e mais electricos e eu nem por elles dei!

ALBERTO H. MACIEIRA.

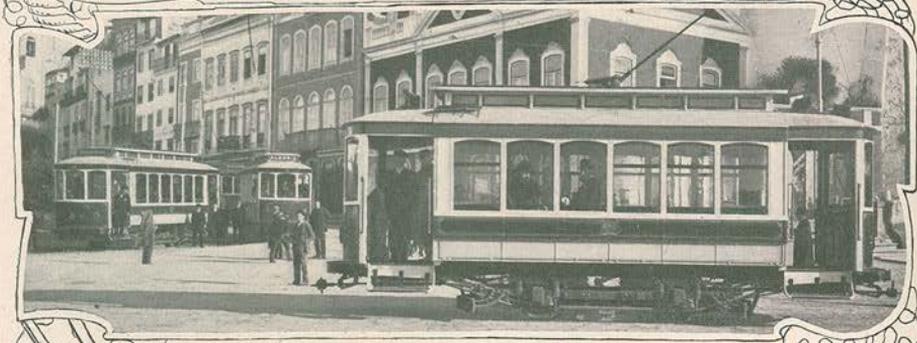
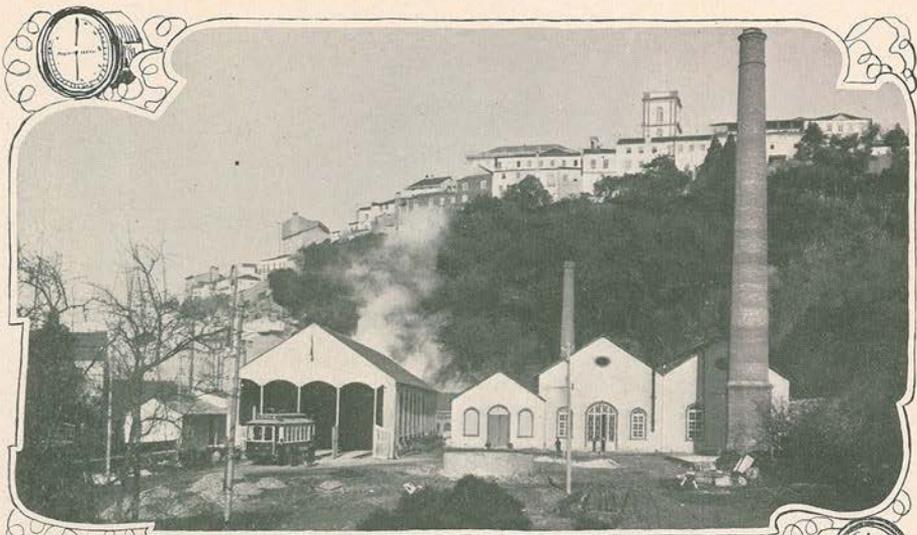


1—Pilar Monteiro, cançonetista
2—Uma parisiense... de Lisboa

A TRACÇÃO ELECTRICA EM COIMBRA



1—Os técnicos que dirigiram os trabalhos da viação electrica de Coimbra: (Da esquerda para a direita: o engenheiro José L. Garcia Roldana (engenheiro da A. E. G. de Madrid); Luiz Masker, chefe dos trabalhos; Carlos M. Vasconcellos (director da A. E. G. do Porto); Gustavo d'Avilla Perez (engenheiro da A. E. G. do Porto))—
2—Um carro no largo Miguel Bombarda 2—No dia da inauguração da viação electrica: Aspecto da Praça 8 e 9 Maio e rua da Sophia



1—A estação central dos electricos de Coimbra 2—Aos arcos de S. Sebastião
3—Um aspecto novo das ruas de Coimbra
(Clichés da Photographia União, de Coimbra)

O ADAMASTOR NO RIO DE JANEIRO



O Adamastor que foi em viagem aos portos do Brazil a levar os agradecimentos da Republica Portuguesa á nação que primeiro a reconheceu, foi ali recebido com as maiores demonstrações de enthusiasmo sendo offercidas varias festas aos seus officiaes e marinheiros.



1—O Gremio Republicano Portuguez do Rio de Janeiro e o commandante e immediato do «Adamastor», depois do almoço nas Paineiras
2—Os officiaes do «Adamastor» no Corcovado (Clichés de A. Barros Lobo).

A PAREDE DOS ESTUDANTES DO LYCEU PASSOS MANUEL.



1—A cavallaria da guarda republicana no largo do Jesus
2—A cavallaria dispersando os estudantes
3—O reitor e alguns professores do lyceu

Em virtude de ter sido substituído o professor Benarus do lyceu Passos Manuel, muitos alumnos declararam-se em *parede* impedindo a entrada nas aulas aos que ali desejavam comparecer. Travaram-se varios conflictos nos quaes interveiu por vezes a guarda republicana e uma grande commissão de estudantes procurou o ministro do interior afim de pedir uma syndicancia aos actos do conselho escolar que procedera contra aquelle professor.

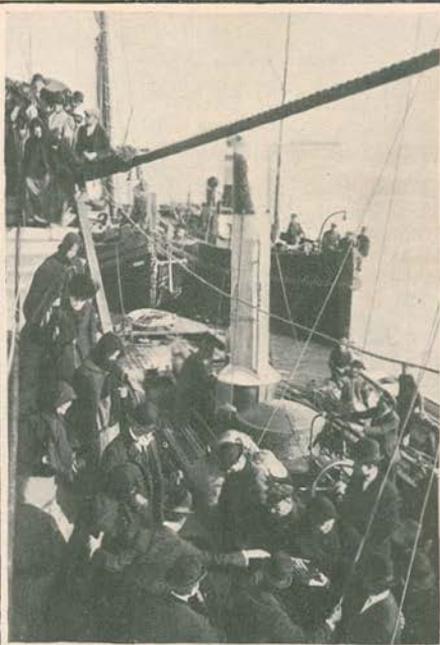
Tambem os paes dos alumnos insistiram com o

ministro para se pôr em termo ao conflicto sendo nomeado syndicante da questão o sr. dr. Leão Azedo que logo começou o seu trabalho.

(Clichés de Benoitel)



• O EMBARQUE DAS IRMÃZINHAS DOS POBRES •



1—As Irmãs dirigindo-se para o posto de desinfeção

2—O rebocador que conduziu as religiosas a bordo do vapor Illary

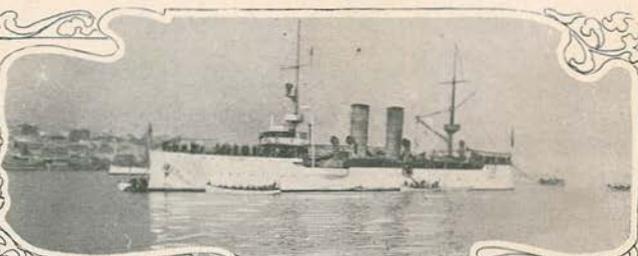
3—As religiosas em trajos seculares no Posto de Desinfeção

4—A descida das escadas do Posto de Desinfeção

5—Outras religiosas no caes de embarque
(Clichés de Benolle)



O REGRESSO DO "VASCO-DA-GAMA"



1—O cruzador amarrado à boia em frente do Arsenal

A tripulação do Vasco da Gama portou-se briosamente em Batavia pagando por um rateio o fornecimento do carvão indispensável para a viagem e que os commerciantes locais não queriam fazer a credito por se encontrar então o nosso paiz em pleno periodo revolucionario. A chegada ao Tejo d'esses honrados marinhos foi festejada com o mais intenso jubilo

2—As familias dos officaes e marinheiros procurando entrar para bordo 3—Uma parte da guarnição do cruzador

O · QUINQUAGENARIO · DO · CURSO · · SUPERIOR · DE · LETTRAS

O Curso Superior de Letras celebrou em 14 de janeiro o seu quinquagenario com a assistencia de Theophilo Braga, professor d'essa escola superior e chefe do governo provisorio da Republica.

O instituidor do curso foi D. Pedro V. Devotado ás lettras, reproduzindo na casa de Bragança um principe da ca-

tregues respectivamente a Adolpho Coelho e a Vasconcellos de Abreu. A frequencia no Curso Superior de Letras tornava-se enorme sendo sobretudo formada por alumnos que se destinavam á diplomacia.

Ultimamente instalou-se ali n'uma especie



A sessão solemne do quinquagenario do Curso Superior de Letras na biblioteca da Academia das Sciencias—(Liche Benoitte)

casa d'Aviz, semelhante a D. Duarte no genio e no temperamento, o rei creou aquella escola destinando a dois dos grandes escriptores do seu tempo, Herculano e Castilho, as cadeiras de historia e litteratura. Elles não aceitaram e então, nomeados Rebello da Silva e Mendes Leal, via-se D. Pedro V assistir ás aulas com verdadeiro interesse, escutar as doudas preleções dos professores.

Dentro em pouco faziam-se novas reformas, organisavam-se novas aulas, entre ellas a de philologia e lingua védica, que foram en-

de escola normal superior onde se tem habilitado para o magisterio secundario muitos dos mais distinctos professores de varios lyceus do paiz. A celebração do quinquagenario foi muito concorrida tendo Theophilo Braga feito a historia d'esses cincoenta annos do Curso Superior de Letras pelo qual passaram homens que honram e glorificam o nosso paiz.

O ultimo professor nomeado para aquella escola superior foi Agostinho Fortes que fizera concurso para a cadeira de historia no tempo do antigo regimen sem que tivesse sido provido no logar.

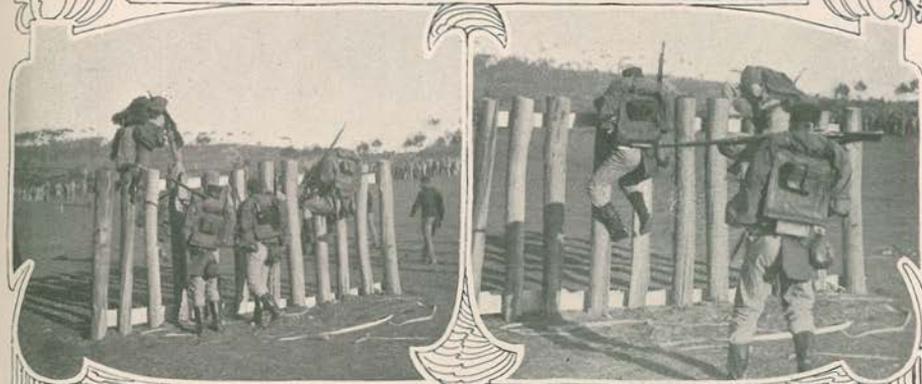
OS EXERCÍCIOS DOS RECRUTAS DA GUARNIÇÃO DE LISBOA EM MAFRA

Os mil e quatrocentos recrutas de infantaria da guarnição de Lisboa apresentaram as provas do seu aproveitamento na escola pratica de Mafra em 22 de janeiro diante dos ministros da guerra e das finanças que ali foram assistir aos exercicios com o governador civil do districto

A lição de gymnastica executada com uma tigorosa precisão por



1—O governador civil de Lisboa, e os ministros da guerra e das finanças assistindo aos exercicios
2—Aspecto dos exercicios gymnasticos 3—A passagem dos recrutas para o campo

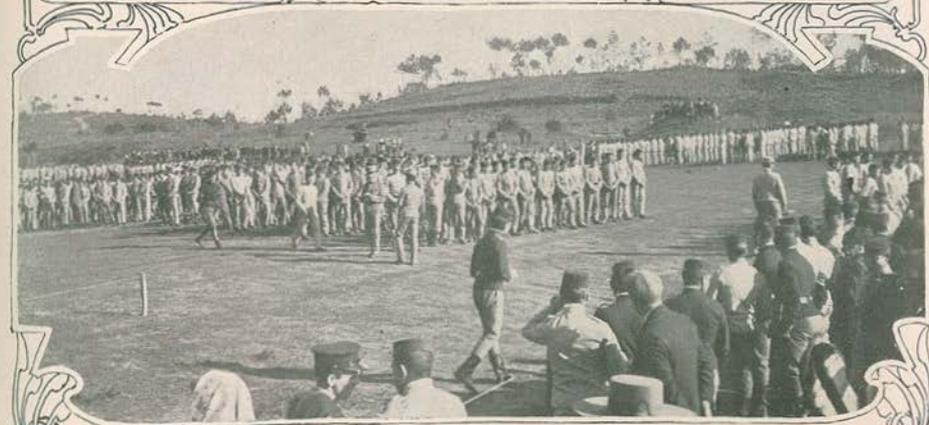


1—O soberbo aspecto dos exercicios gymnasticos 2—A luta de tracção 3—A passagem d'obstaculos
4—Outro aspecto da passagem d'obstaculos

tantos homens, causou um verdadeiro assombro e os outros trabalhos provaram a evidencia a excellente educaçao physica que está recebendo o soldado portuguez. Foram distribuidos premios aos vencedores dos diversos torneios entoando de seguida os mil e quatrocentos soldados a *Portuguez* o que produziu uma grande sensaçao n'essa festa de fraternidade entre os recrutas dos diversos regimentos de infantaria de Lisboa.



1—O publico assistindo ás provas 2—Um aspecto das corridas de velocidade 3—Os soldados vencedores das diversas provas



1—Saltos em distancia 2—O vencedor das provas de obstaculo 3—Destilada dos recrutas
 4—O vencedor das corridas de velocidade 6—Um aspecto dos exercitios
 (Glicês de Benoliel)

A AVIAÇÃO NO RIO DE JANEIRO



O Brasil é a patria dos aeronautas. Sem falar em Bartholomeu de Gusmão, apontam-se esse infeliz Severo e Santos Dumont, que da aeronautica passou á aviação com um grande exito. Tambem o grande paiz não discursa esses trabalhos que tanto interessam a humanidade presentemente e dia a dia no Rio de Janeiro se fazem numerosas experiencias. O ultimo espectáculo d'esse genero realisou-se no Derby, com a assistencia do presidente da Republica, fazendo a ascensão o capitão Odelerich no seu monoplane *Argus*.



1—O aviador Odelerich no seu monoplane «Argus» antes da ascensão
2—O povo diante do «hangar» do «Argus»



1—Um aspecto da «pelouse» do «Derby»
2—O presidente da Republica, Marechal Hermes
da Fonseca, assistindo á ascensão



O vasto recinto encherá-se com a melhor sociedade do Rio de Janeiro ansiosa de ver o vôo que se annunciara mas o vento soprava furiosamente e o *Argus*, depois de subir a uma altura de seis metros e percorrer perto de cincoenta, cahiu partindo uma das azas, ficando salvo o motor e não tendo soffrido o aviador a menor contusão.

Tambem n'essa mesma tarde deviam realizar-se experiencias no Jockey Club mas foram addiadas em virtude da inclemencia da ventania, não sendo os avia-

dores obrigados pelo publico a tentaram a travessia como succedeu com Odelerich no Derby. Os jornaes, protestando contra a attitudz dos espectadores, mostram como em casos d'estes a ascensão constitue um perigo não só para o aviador mas tambem para o publico recordando um accidente do *De-moiselle* de Santos Dumont.



Um aspecto da assistencia

(Clichés de A. Barros Lobo)

A ENTREGA DAS BANDEIRAS AOS BATALHÕES VOLUNTÁRIOS



Aspectos da entrega das bandeiras no largo de S. Carlos
(Clichés de Benollet)

MADAME · SEL DA · POTOCKA · COMO · NOS · DEVEMOS · ALIMENTAR

O PEIXE — O SEU VALOR NUTRITIVO — A SUA IMPORTANCIA E O SEU LOGAR NA ALIMENTAÇÃO — O PEIXE QUE SE DEVE COMER

Se ha um erro preconcito enraizado na defeituosa alimentação portugueza, esse é o do peixe. E' vulgar considerar-se o peixe um substituto vantajoso da carne. Muitos que se arreceiam de uma inoffensiva costeletta comem sem hesitação ostras de origem suspeita, creadas em aguas impuras, e suppõem ter-se alimentado optimamente ingerindo uma posta de pargo ou de pescada em principio de decomposição.

Antes de mais nada convém dizer que o peixe não substitue a carne.



1—«A ceia», gravura de Moreau le Jeune
2—A partida para o mar de um barco de pesca

Esta é um poderoso excitante digestivo; abre o appetite; estimula as funcções do estomago; digere-se rapidamente; facilita a digestão dos restantes alimentos. Ao peixe fa'tam estas características essenciaes. As pessoas habituadas a um regimen diario de carne sentem-se menos fortes e teem uma digestão mais laboriosa nos dias em que a eliminem por completo e a substituem pelo peixe. O peixe só substitue a carne como alimento azotado. As considerações sobre a carne pódem abranger o peixe, que não é mais do que carne de animaes aquaticos. Mas os perigos da intoxicação pelo peixe são mais numerosos do que os provocados





1—No mercado da Ribeira 2— Um grupo de varinas

pelo uso da carne. O peixe só deveria comer-se no proprio dia em que é pescado e a industria da pesca, utilizando os vapores, tornou quasi impraticavel, mesmo nas cidades maritimas, essa regra prudente de alimentação. Os venenos do peixe multiplicam-se muito rapidamente depois da morte do animal, que é qua i sempre precedida de uma agonia lenta. Comtudo na pratica, estas toxinas passam quasi despercebidas se o nosso aparelho digestivo e as nossas glandulas eliminadores e anti-toxicas exercem bem as suas funções providencias de defeza.

Se porém o funcionamento d'um destes órgãos se perturba, a intoxicação faz-se logo sentir. O unico meio

de impedir essas crises funcçionaes é dar-hes repouso de tempos a tempos. Por isso, assim como aconselhei a que se coma carne apenas uma vez ao dia, aconselho a que nem todos os dias se coma peixe. Se a quantidade

de carne ou de peixe ingerida exorbita das necessidades do organismo e não é completamente digerida pelo estomago e pelo intestino delgado, então o mal agrava-se. A albumina putrefaz-se rapidamente no intestino grosso e engendra novos venenos (ptomaínas, acidos volateis, etc.) Não esqueçamos que só uma pequena parte da albumina da carne ou do peixe é aproveitada pelos tecidos. O resto destrói-se e deixa como residuos principaes diversos acidos





1—O caes da Ribeira de Lisboa 2—O varar de um barco de pesca

entre o : caes o acido urico. Por seu lado as gorduras (da carne ou do peixe) produzem igualmente, ao oxidarem-se, residuos acidos. D'aqui resulta uma superabundancia de acidez que, se não é neutralisada por alimentos alcalinísantes, prejudica os orgãos e esclerosa-os.

A base de uma alimentação racional nunca deverá ser fornecida pela carne e pelo peixe, mas sim pelos legumes, pelas fructas e pelos ce-

reaes. Sem isto é inutil tentar ter saude, pro'ngar a vida e impedir a doenca. O primeiro sacrificio que importa fazer, compensado por uma economia consideravel, é o do abuso da carne e do peixe. Os organismos fortes não são de modo algum os que comem muita carne. Está demonstrado que a fadiga é principalmente uma resultante da intoxicação. E' assim que a fadiga do levantar da cama constitue uma indicação





1—O levantar de uma armação de atum, quadro a pastel de D. Carlos
2—A peixeira

infallível para a eliminação da carne e do peixe por dois ou tres dias. Experimentem o conselho os que acordam pela manhã tão fatigados e somnolentos como se não tivessem dormido. Os nervosos, os excitados, os irritáveis, os biliosos devem fazer um uso moderadissimo tanto da carne como do peixe; e abster-se d'elles tanto as crianças até aos 5 annos como os adultos depois dos 50. A digestão reflecte-se infallivelmente no caracter. O mau humôr é quasi sempre a consequência de digestões imperfeitas. Quantas discordias domesticas se não teem originado pelo envenenamento produzido por um peixe decomposto ou por um guizado indigesto!...

Mais do que a carne, o peixe está exposto a alterar-se. Deve regeitar-se todo o peixe cuja carne esteja flacida e cujas barbatanas tenham perdido a rigidez. Entre os peixes que devem preferir-se citaremos o linguado e a pescada, havendo o cuidado de lhes arrancar previamente a pelle

A pretensão de que o peixe é um excellente alimento cerebral pela sua riqueza em phosphoro constitue um preconceito inspirado por uma observação superficial. Um regimen

bem equilibrado fornece ao cerebro o alimento necessario sem ter de recorrer-se ao peixe.

Todos os que vivem uma intensa vida intellectual, e por isso sedentaria, devem evitar os alimentos intoxicantes, que podem sem perigo ser utilizados pelos que teem uma vida muscular, de exercicios physicos pronunciados.

Em conclusão: carne pouca; peixe menos—e esse cosido, sem temperos inuteis e prejudiciaes. Basta um pouco de manteiga derretida ao calor ou um fio de bom azeite, para temperar o peixe.

Assim depois de assentes estes principios elementares da sciencia da nutrição, temos o caminho desembaraçado para assentarmos nos regimens de uma alimentação saudavel.

SELDA POTOCKA,



A MODA

Redfern acaba de lançar as lindas vestes de rendas por sobre os casacos decotado e Réchoff David tornando mais alta a cinta dos vestidos parece que dá estatura áquellas que os vestem.

A moda não pára, não descança um momento; é buliçosa a ponto de não deixar passar um só dia sem uma alteração que vae desde os vestidos vulgares de passeio aos encantadores vestidos de noivado que sofreram actualmente modificações



Vestido de Redfern



Os trajos de passeio variam tambem, muito sobretudo na parte inferior da saia; algumas teem uma enorme barra de seda, outras de veludo igual ao que deve ornar as mangas dos casacos. Ha ainda as barras de renda delicadas como no modelo que Drécoll apresentou e que foi posto em voga por mademoiselle Marquet de Vaudeville que o usa com

Vestido de Drécoll



um encantador
chapeu negro,
quasi em forma
de tricorne, no
qual resalta uma
linda pluma
branca. Outra
a variante dos
vestidos é cons-
tituida por duas
bandas da mes-
ma fazenda que
veem da cintu-
ra a cruzarem-
se quasi até aos
pés.

O Ex-PRESIDENTE DA ARGENTINA EM LISBOA



O ex-presidente Alcorta entre o sr. García Sagastume, ministro da Argentina, e o sr. Batalha de Freitas delegado do ministerio dos estrangeiros



As senhoras da familia do ex-presidente Alcorta

O sr. José de Figueirôa Alcorta, foi um dos mais illustres presidentes da Republica Argentina, deixando ligado ao periodo do seu governo uma tradição de prosperidades, de melhoramentos, de progressos moraes e materiaes para o paiz.

Agora, acompanhado por sua esposa e filhos, emprehendeu uma viagem de recreio pela Europa, e que foi iniciada por Lisboa, onde chegou a 17 de janeiro, a bordo do *Cap Vilano*, d'onde partiu dois dias depois, após as maiores demonstrações de affecto e sympathia